



UEG

D.G.

O QUE TAPA A TUA CAPA?

Todos conhecem ou, pelo menos, sentem os factores de perturbação que se têm verificado na Academia. Todavia, recentemente, a situação tem vindo a conhecer novos elementos que, se bem que perfeitamente secundários na sua natureza, surgem com uma importância que lhes é conferida pelos dados realmente relevantes que essa situação contém. É, aqui que nela aparecem como elementos parasitários, as velhas questões da "praxe", do "folclore académico", fenómenos que a prática e a história marginalizaram e a que se pretende resumir, num inacreditável desconhecimento da história da Academia, a sua tradição. Não é, de facto, nova esta atitude. Parasitas de situações complexas sempre os houve e, quanto a esta questão, as suas propostas surgem geralmente aproveitando as aspirações de grupos reduzidos, aos quais a falta de perspectivas e incapacidade de compreensão da conjuntura que vivem e, ligada a ela a incapacidade de nela intervirem criadoramente, conduzem a uma atitude de algum modo esquisa ofrénica de revivalismo saudosista de certos fragmentos de rituais ultrapassados. Se tal revivalismo puder dar lucro a alguém, os apoios dos que lucram (política ou financeiramente) não faltarão.

Assim se tenta enxertar na actualidade práticas que, podendo algumas delas ter o seu sentido no passado, se revelam totalmente desadequadas na actualidade. Na verdade as manifestações e práticas emanadas da ideologia que une e dá (ao nível das aparências, muitas vezes escondendo as suas contradições internas) coesão a uma determinada comunidade ou grupo social, neste caso os estudantes, alteram-se e transformam-se consoante o momento histórico que se vive e os factos de determinação que sobre esse grupo são exercidos. Sendo assim, manifestações de grupos onde sobrevivem tais práticas são sempre marginais. E por isso ilícitas? Pensamos que não, se elas não agredirem através da violência com que muitas dessas tendências minoritárias tentam afirmar-se e legitimar-se, as formas de pensamento e vida emergentes da prática actual. Esta violência deflagra quando o oportunismo político de alguns tenta (por, teórica, ideológica e politicamente, nada têm a propor de positivo e criador) aproveitar e reivindicar para si esses símbolos e, através da subversão do seu sentido, criar factores artificiais de divisão e estilhaçar a coesão do grupo em que agem e, se possível; daí extrair vantagens políticas mais amplas. E isso é, infelizmente, o que certas forças da Academia tentam neste momento. Mais concretamente, a extrema direita, apoiada numa D.G. da AAC que, eleita para ser uma direcção Associativa, tem provado, desde o início do seu mandato, estar apenas interessada em utilizar o aparelho associativo para, contra o próprio Movimento Estudantil (já nem isto é disfarçado nos seus comunicados e iniciativas) toda a estrutura organizada da AAC, serviu a criação de clima de provocações, violência e perseguições; não só entre os estudantes mas também entre a população de Coimbra, tentando/assumir para si manifestações e práticas incluídas na tradição estudantil e que, de um modo ou de outro são, alguns deles, caras a largos sectores da cidade, sectores esses que a direita estudantil e a D.G. tentam lançar contra os estudantes e as suas organizações associativas e políticas, extraíndo daí dividendos políticos que oferecerá de bandeja ao partido que aparece como seu beneficiário, o PPD, se possível já nas próximas eleições nacionais.

A manobra é clara. Hoje é óbvio que a maioria dos revivalistas da "praxe" e os portadores de capa e batina não fazem destas práticas um

fim em si mas uma forma de provocação política, pela manobra com que muitos deles revestem a sua acção, chegando ao ponto de andar armados.

E se quanto à "praxe" ninguém tem dúvidas acerca do seu carácter repressivo, reaccionário, hierarquizante e limitativo da liberdade individual a todos os níveis, já em relação ao uso da capa e batina as coisas se passam diferentemente. É que esse traje, não contendo em si, obviamente, nenhuma provocação, é utilizado, agora, com esse fim.

Naturalmente pensamos que o seu uso depende de opções pessoais e que a sua "proibição" seria ridícula como perigosas são as acções violentas contra os seus portadores pelo simples facto de a vestirem.

Estamos num país livre e as pessoas vestem como querem assumindo as consequências sociais das suas escolhas. Todavia, o que se passa é que a extrema direita estudantil (e não só...) tenta fazer do que foi um traje tradicional dos estudantes (cujo uso, hoje, por razões óbvias, seria absurdo) a sua "farda" distintiva. AS coisa vão ao ponto de caceteiros profissionais, que nada têm a ver com os estudantes, andarem pela rua de capa e batina fazendo provocações e arruaças "em nome da tradição". É neste ponto, na questão da manobra de provocação política que esconde este "movimento" que deve incidir a atenção dos estudantes. Na verdade, não pode consentir-se que em nome do apoio a esta minoria, estruturas estudantis eleitas como a D.G. isolem e agridam o Movimento Estudantil. Trata-se, pois, de pôr a claro a situação e encontrar respostas adequadas que evitem a confusão nas ideias e a desestabilização na Academia, procuradas por esses sectores. Essa resposta não passa, porém, pela acção violenta ou pelo conflito marginal. Para aqueles que, por desconhecimento, aderem de algum modo, a essa tentativa de revivalismo, impõe-se o esclarecimento, pois, se o fenómeno é marginal, não é menos marginal aquele que lhe responde através de um confronto que nada tem a ver com as perspectivas democráticas do Movimento Estudantil.

Para aqueles que fazem daquelas manifestações uma provocação política, a resposta deve ser política e, mesmo neste caso, a violência não tem sentido, pois resulta no aceitar o confronto no terreno do provocador.

Sobretudo, há que deixar claro aos estudantes e à população de Coimbra que tudo aquilo que essas manifestações representam nada tem a ver com as propostas, práticas e frentes de trabalho que o Movimento Estudantil se impôs.

Deixemos pois os adoradores do bolor e da naftalina a incensar os seus pequenos mitos, estejamos atentos às manobras políticas dos provocadores, defendamos o Movimento Estudantil livre, participado e democrático e apostemos decididamente no futuro.

COIMBRA, 7 DE JUNHO DE 1979

O Executivo da DOESC da UEC